

CLÓVIS MOURA: SOCIABILIDADE E FORMAÇÃO INTELECTUAL (1940-1950)

CLÓVIS MOURA: SOCIABILIDAD Y FORMACIÓN INTELECTUAL (1940-1950)

CLÓVIS MOURA: SOCIABILITY AND INTELLECTUAL TRAINING (1940-1950)

Gabriel dos Santos ROCHA¹

RESUMO: Neste artigo analisaremos o percurso de Clóvis Moura (1925-2003) em seus anos de formação intelectual e política, a saber: a juventude em Salvador e Juazeiro da Bahia nos anos 1940. Trata-se de uma etapa, da trajetória do autor, que antecede sua consagração como historiador e sociólogo marxista dedicado às insurreições negras no Brasil escravista e à luta antirracismo e anticapitalismo no pós-abolição. Abordaremos um período no qual a literatura e atividades culturais na esfera do então Partido Comunista do Brasil (PCB) são elementos de grande relevância, ou mesmo centrais, na vida social de Moura, embora a História e a Sociologia já apareçam como temas de seu interesse. As referências intelectuais e políticas presentes na correspondência do autor no referido período nos informam sobre suas escolhas, revelam elementos de seu ambiente social, e nos permitem compreender melhor o processo de sua produção nos anos posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Clóvis Moura. Intelectuais. Cultura. PCB.

RESUMEN: *En este artículo analizaremos la trayectoria de Clóvis Moura en sus años de formación intelectual y política, a saber: la juventud en Salvador y Juazeiro (Bahia) en los años de 1940. Trata de una etapa del recorrido del autor que precede su consagración como historiador y sociólogo marxista que se dedicó a estudiar las insurrecciones negras en el Brasil esclavista y la lucha antirracismo y anticapitalismo post-abolición. Discutiremos un período en el que la literatura y las actividades culturales en ámbito del Partido Comunista de Brasil (PCB) son elementos relevantes, o centrales, en la vida social de Moura, aunque la historia y la sociología ya sean temas de su interés. Las referencias intelectuales y políticas presentes en la correspondencia del autor en ese período nos informan sobre sus elecciones, revelan elementos de su entorno social y nos permiten mejor comprender su producción en los años posteriores².*

PALABRAS CLAVE: Clóvis Moura. Intelectuales. Cultura. PCB.

ABSTRACT: *This article analyzes the journey of Clóvis Moura (1925-2003) during his intellectual and political training, namely: his youth in Salvador and Juazeiro (Bahia) in the 1940s. This period in the author's trajectory precedes his consecration as a Marxist historian and sociologist whose scholarship centered on the black insurrections in slave-based Brazil and to the fight against racism and capitalism in the post-abolition period. The article*

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Econômica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5250-8453>. E-mail: gabriel.rocha@usp.br

² Agradeço à Angelica Bezerra pela revisão da versão do resumo em espanhol.

discusses a period in which literature and cultural activities in the sphere of the Communist Party of Brazil (PCB) had great relevance in Moura's social life, although History and Sociology already appear as themes of interest to him. The intellectual and political references in the author's correspondence during the period under study inform us about his choices, reveal elements of his social environment, and allow us to better understand the process of his intellectual production in later years³.

KEYWORDS: Clóvis Moura. Intellectuals. Culture. PCB.

Um Intelectual Orgânico

Clóvis Moura é conhecido pela importância de sua obra nos estudos sobre a escravidão no Brasil, sobretudo, por analisar enfaticamente a agência social do negro escravizado na luta pela emancipação do cativo. O autor foi pioneiro em estudar de forma sistêmica as insurreições negras, e colocá-las no centro da interpretação do processo histórico do Brasil Colonial e Imperial, conferindo significado político ao protesto do trabalhador escravizado. Essa perspectiva foi defendida em seu livro de estreia, **Rebeliões da Senzala** (1959), e perpassou quase toda sua obra ao longo de quatro décadas. Com isso, Moura não apenas ampliou a perspectiva da luta de classes para aquele período, como também trouxe importantes contribuições para o que se convencionou chamar de *estudos subalternos* ou *história vista de baixo*, antes mesmo da popularização dos trabalhos do historiador britânico Edward P. Thompson no Brasil⁴.

Outro tema que se destaca na produção de Clóvis Moura é a situação do negro na sociedade de classes do pós-abolição, a partir da qual se verifica a permanência do racismo como elemento estruturante da economia capitalista que se erigiu no Brasil desde as entranhas do sistema escravista. Deste modo, compreendeu os vínculos entre raça e classe como parte do *modus operandi* do capitalismo dependente e periférico em nosso país.

As principais contribuições intelectuais de Clóvis Moura estão nos campos da História e da Sociologia, embora, o autor também tenha sido poeta, e jornalista de profissão. Em sua trajetória, ainda se destacam a militância comunista e antirracista, também expressas em sua produção intelectual.

³ Agradeço à Fernanda Bretones Lane pela revisão da versão do resumo em inglês.

⁴ O livro **A Formação da Classe Operária Inglesa** de Edward P. Thompson, publicado no Reino Unido em 1963, tornou-se referência na História Social brasileira a partir de meados dos anos 1970. No entanto, só foi traduzido para o português em 1987. Ver: (MATTOS, 2014). **A Formação da Classe Operária Inglesa: História e Intervenção**. **Revista Trabalho Necessário**, v. 12, n. 18, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8591>. Acesso em: 12 maio 2021.

As dimensões intelectual e militante não se dissociam na biografia de Moura, ao contrário, se complementam e formam uma unidade. Trata-se de uma figura cuja formação intelectual ocorreu na atividade política. É também correto afirmarmos o inverso: as afinidades intelectuais de Moura viabilizaram seu caminho em direção à militância comunista, como revela sua correspondência⁵ nos anos que antecederam a publicação de **Rebeliões da Senzala**, como veremos mais adiante.

O interesse pela literatura e pelo jornalismo foram a porta de entrada de Clóvis Moura à militância política, sendo também, determinantes nas posições que o autor veio ocupar na esfera partidária. O jornalismo, a poesia, a crítica literária e a atuação na Frente Cultural situam as atividades do autor no Partido Comunista do Brasil (PCB até 1961), antes de se tornar historiador e sociólogo (MALATIAN, 2018a; OLIVEIRA, 2009). Tais atividades são centrais para compreendermos o período de formação intelectual de Clóvis Moura nos anos 1940.

Moura viveu do jornalismo, e produziu uma obra robusta sobre o Brasil como historiador e sociólogo, mesmo sem ter formação acadêmica nessas áreas. No entanto, como veremos, o PCB e a rede de sociabilidade em torno da agremiação foram centrais em sua formação, e em sua inserção nos debates intelectuais e políticos. Foram sua escola. Como demonstra Gramsci, para alguns grupos sociais, dadas as suas características gerais, condição de formação, de vida e desenvolvimento, o partido funciona como um modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001, p. 24).

O intelectual não se define apenas pelo tipo de atividade que exerce, e sim por exercer tal atividade – de intelecto – em determinadas condições e em determinadas relações sociais. Trata-se de uma categoria que não pode ser definida pelo que lhe é intrínseco – o intelecto –, pois pensar é uma aptidão inerente e constitutiva da espécie humana. Portanto, o intelectual é identificado pela atividade que exerce no conjunto das relações sociais, e não simplesmente pela capacidade de pensar, ou por não exercer trabalho manual (GRAMSCI, 2001, p. 18).

Diferente da categoria “classe social”, que se vincula mais diretamente à posição que cada grupo ocupa nas relações de produção, o intelectual não tem uma ligação imediata com a produção (econômico-social), mas mediada pela sociedade civil e pelo Estado. Ou seja, o intelectual não se define pelo lugar que ocupa no processo de produção, mas por sua relação com as instâncias extraeconômicas da estrutura social (LÖWY, 1979; VOZA, 2017, p. 431).

⁵ Nos referimos ao conjunto de cartas do autor que se encontram no *Fundo Clóvis Moura* do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM/UNESP). Ver: UNESP (2018), Molina (2008) e Casagrande (2019).

É plausível definirmos Clóvis Moura como um intelectual orgânico no conceito gramsciano do termo, ou seja: como o sujeito que exerce função organizativa no grupo social no qual está integrado:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhes dão homogeneidade e consciência de sua própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (GRAMSCI, 2001, p. 15).

Intelectuais orgânicos vinculam-se a classe que representam, exercendo funções organizativas e conectivas nos processos de formação de hegemonia (VOZA, 2017, p. 431). No caso de Moura as funções organizativas situam-se no engajado na luta da classe trabalhadora e do movimento negro contra a opressão capitalista e o racismo, com as quais sua obra também se vincula intrinsecamente.

Por se tratar de um intelectual formado na esfera pecebista, para melhor compreendermos sua trajetória e seu pensamento precisamos nos debruçar sobre seu processo de adesão ao comunismo.

Nos caminhos do comunismo

Clóvis Moura nasceu em Amarante no Piauí no dia 10 de junho de 1925. Em 1935 mudou-se com sua família para Natal no Rio Grande do Norte, onde viveu até 1941. Nesse período, identificamos a afinidade do autor, ainda muito jovem, com as letras. Estudou no Colégio Diocesano Santo Antonio (dirigido por padres maristas), onde aos 14 anos de idade, fundou o Grêmio Cívico-Literário e criou o jornal *O Potiguar*, no qual publicou seu primeiro artigo, *Libertas quae sera tamen* (1939), tematizando a Inconfidência Mineira⁶.

Em 1935, ano em que a família de Clóvis Moura foi viver em Natal, ocorreu naquela cidade um levante de militares ligados ao PCB, visando a tomada do poder político, que resultou no estabelecimento de um Governo Popular Revolucionário que durou quatro dias⁷. O episódio despertou a simpatia do autor pelas ideias de esquerda (FREIRE, 2000. p. 15).

Em 1941 Moura se mudou com sua família para Salvador, Bahia. A partir de então, na casa dos 20 anos de idade torna-se mais evidente sua aproximação com os círculos intelectuais e o comunismo. Sua adesão ao marxismo e o seu crescente interesse pela História

⁶ Ver: Malatian (2018, p. 26), Mesquita (2002, p. 175-176) e Oliveira (2009, p. 33-36).

⁷ Sobre o levante comunista de 1935 em Natal, ver: Vianna (2011).

do Brasil se verificam nos anos 1940. Em 1942, mudou-se para Juazeiro, cidade do interior da Bahia, às margens do rio São Francisco, onde viveu até 1950.

Em Salvador o autor conheceu intelectuais vinculados à imprensa, à literatura e ao PCB, com os quais manteve contato por correspondência no período em que viveu em Juazeiro. Essa rede de sociabilidade da qual faziam parte Darwin Brandão, Expedito A. N., Heron de Alencar, Vivaldo da Costa Lima, entre outros, foi fundamental na formação intelectual e na inserção de Moura no partido e na imprensa.

Moura se filiou ao PCB em 1945 (MESQUITA, 2002, p. 176). No âmbito internacional o ano foi marcado pelo fim da II Guerra Mundial com a vitória dos Aliados contra o nazifascismo. A importância central da URSS na vitória sobre as tropas alemãs, assim como seu empenho na campanha pela paz mundial nos anos subsequentes conferiu prestígio aos comunistas do mundo todo. Já o contexto nacional foi marcado pelo fim da Ditadura do Estado Novo, a anistia de seus presos políticos e o retorno do PCB à legalidade.

O PCB foi fundado em 1922 contando com 123 militantes naquele ano, número que subiu para 300 no ano seguinte. Em 1930, o partido contava com 1000 membros. Em 1935, ano em que os comunistas tentaram tomar o poder pela via militar, havia 10.000 militantes no partido. Com o fracasso daquela ação e a consequente perseguição e repressão que caiu sobre a esquerda, em 1936 o PCB teve suas fileiras reduzidas a 2.964 membros, e chegou a uma estimativa de 100 militantes em 1942. Em 1943 o número de pecebistas subiu para 900, e em 1944 para 3.100. Quando Clóvis Moura se filiou, em 1945, o partido obtinha a legalidade e contava com 82.000 militantes. Esse número subiu para 180.000 em 1946. O PCB chegou a ter 200.000 militantes em 1947, ano em que foi colocado novamente na clandestinidade (SECCO, 2017, p. 195).

Portanto, vemos que Moura cerrou fileiras no PCB em um contexto de ascensão e prestígio social da agremiação, e em uma região onde o partido vinha acumulando experiências notáveis na luta social.

No final da década de 1920 e início dos anos 1930, os comunistas baianos se destacaram na cena cultural com a participação de Aydano do Couto Ferraz, Edison Carneiro e Jorge Amado, além de outros, no grupo literário que ficou conhecido como *Academia dos Rebeldes* (1928-1932). Ferraz, Carneiro e Amado militavam no PCB, participaram ativamente da cena literária, da luta contra a perseguição dos candomblés, da valorização do patrimônio cultural de matriz africana e do debate sobre a questão racial. Em 1937 Edison Carneiro e Aydano Couto Ferraz organizaram em Salvador o **II Congresso Afro-Brasileiro**, reunindo intelectuais, sacerdotes do candomblé, capoeiristas e outras figuras do povo (LIMA, 2015).

Foi justamente na Bahia que o PCB se manteve como importante polo de resistência ao Estado Novo (1937-1945), e exerceu papel fundamental no processo de lutas por democratização.

Com o fracasso do levante comunista de novembro de 1935, a conseqüente prisão de milhares de militantes da ANL, e a implantação da ditadura do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas, o PCB praticamente desaparece da cena nacional por um período de dez anos. Uma importante exceção é a atividade registrada no Nordeste do país, com a criação, por iniciativa comunista, das Ligas Camponesas, em 1940, bem como a atuação da chamada “célula baiana” durante a ditadura. E é justamente com lideranças comunistas formadas na Bahia – como Jacob Gorender, Diógenes Arruda, Carlos Marighella, Elias Chaves Neto, Rui Facó e Jorge Amado – que o PCB volta à ativa no pós-guerra e dá início a sua fase mais produtiva, tanto em termos políticos, quanto teóricos, ao tornar-se, por fim, um “partido de massa” (CHADAREVIAN, 2012, p. 267).

Na primeira metade dos anos 1930 o PCB vinha investindo na política de Frente Popular contra o fascismo, a exemplo da criação e participação massiva dos comunistas na Aliança Nacional Libertadora (ANL), tendo Luiz Carlos Prestes como presidente de honra.

Como vimos, a derrota de 1935 resultou em conseqüências drásticas aos comunistas levando a uma enorme redução no número de militantes. Naquele contexto, o Comitê Regional do PCB na Bahia foi um importante polo de resistência e sobrevivência da agremiação, de oposição à ditadura de Vargas, e de mobilização antifascista. Entre 1938 e 1943, os comunistas organizados no Comitê Regional baiano foram os responsáveis pela publicação do primeiro periódico antifascista que circulou durante o Estado Novo, a revista **Seiva** (FERREIRA, 2012).

Já no pós-Estado Novo, com a obtenção da legalidade do partido, os comunistas baianos se destacaram pela intensa atividade de seus Comitês Populares e Democráticos (1945-1947) que, embora tenham sido criados em diferentes partes do Brasil, tiveram bastante destaque na vida social de Salvador.

[...] os Comitês Populares Democráticos tinham como objetivo a ligação das massas com os comunistas, por meio da luta por reivindicações imediatas de interesse de melhoria de vida nos bairros e grupos envolvidos. [...] os Comitês aliavam a participação popular ao movimento reivindicatório, em mobilizações – como a luta pela convocação imediata da Constituinte, as manifestações antifascistas e anti-integralistas e especialmente o trabalho de alistamento e esclarecimento eleitoral. Também chamados de Comissões Populares Democráticas, esses organismos visavam, na linha de ação do PCB, a organização da sociedade civil nos moldes democráticos, além da ampliação das bases do Partido, – incorporando às suas fileiras um número cada vez maior de filiados, através de um programa de apoio às reivindicações populares, fora de organismos formais, como o sindicato.

Esperava-se que em cada bairro se formasse um núcleo que reivindicasse as necessidades mais urgentes da população local (SILVA, 2012, p. 11).

Esse contexto de crescimento da popularidade do PCB, nos ajuda a entender a adesão de Clóvis Moura ao comunismo e os caminhos percorridos em sua formação intelectual. O jovem que já trazia da experiência de vida em Natal alguma afinidade com as letras e simpatias pela esquerda, mudou-se para Bahia nos anos 1940: um lugar e um momento bastante propícios para socializar-se entre os comunistas.

O movimento ascendente do PCB no pós-II Guerra Mundial e pós-Estado Novo é percebido também pela notável participação de seus militantes e simpatizantes na vida cultural do país, a exemplo de figuras como Candido Portinari (1903-1962), Di Cavalcanti (1897-1976), Graciliano Ramos (1892-1953), Oswald de Andrade (1890-1954), Tarsila do Amaral (1886-1973), Patrícia Galvão (1910-1962), Solano Trindade (1908-1974), Mario Lago (1911-2002), Oscar Niemeyer (1907-2012), Jorge Amado (1912-2001), que foi amigo de Moura, entre outros.

Sociabilidade, formação intelectual, política e vida cultural

Clóvis Moura ingressou no PCB pelas atividades culturais. O interesse pela literatura, a crítica literária, a poesia e a sociabilidade na esfera pecebista, possivelmente explicam a correspondência do jovem Clóvis Moura com o aclamado poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), figura tivera alguma proximidade do PCB, porém, naquele momento afastava-se, ao que indicam as palavras e o tom de sua carta à Moura. Em 18 de março de 1947 o poeta mineiro de Itabira escreveu:

Receio muito que você tenha feito mal em me escrever. Sua carta, afinal, é dirigida a um homem que eu não sou, como a um poeta que eu não sou. Se gostei muito do seu jeito natural e violento de se abrir e me comunicar sua certeza, a verdade é que, em conjunto, sua carta me causou um grande mal-estar. De maneira alguma continua a ver em mim o “orientador de uma geração”. Não oriento nada, ninguém, nem a mim próprio. E como poeta, sinto dizer-lhe que, ao contrário do que você pensa, a “Rosa do Povo” não foi uma definição. Não me filiei a nenhum partido, não adoto nenhuma verdade política, estou só, e não orgulhosamente só, como indivíduo que provou a sem-razão dos ajuntamentos: estou simplesmente só, sem vaidade nem ferocidade [...] (ANDRADE, 1947).

O poeta de Itabira (MG) era uma referência para o jovem Clóvis Moura, que àquela altura enveredava pelo caminho da política e da poesia, temas abordados na carta. A resposta de Drummond nos mostra que Moura havia-lhe enviado poemas de sua autoria para serem

apreciados, fato que reforça nossa constatação sobre a admiração que o jovem tinha pelo renomado poeta:

Poderei eventualmente cantar a Espanha ou a China oprimida, mas esteja certo de que minha poesia não será nunca arma conscientemente política, senão que se aplicará em, através do tema político ou de qualquer outro, enunciar um estado poético. E aqui anoto de passagem o engano em que você incorreu ao censurar um período de sua vida em que “ligava muito para o efeito das palavras”: mas em literatura isso é essencial; não é possível escrever artisticamente sem ligar para o efeito das palavras. Hoje eu estou ligando muito a esse efeito, e asseguro a você que esta não é uma atitude reacionária e nem significa torre de marfim, denominação aliás besta pelo simplismo da sua interpretação entre nós (ANDRADE, 1947, grifo do autor).

Possivelmente, naquela ocasião Moura buscava uma poesia engajada, talvez um “realismo socialista” livre do que poderia ser visto por determinados setores no campo da esquerda da época como “estética burguesa”, apegada ao “efeito das palavras”, ponto ao qual Drummond teve discordância e lhe fez recomendação contrária. O poeta mineiro defendeu e ressaltou a importância do “efeito das palavras” e, – podemos inferir – da estética na escrita poética, assegurando ao jovem Moura de que não se tratava de “elementos reacionários” na escrita.

Aliás, verificamos que referências literárias do socialismo real compuseram a biblioteca do jovem Moura como nos mostra a carta de uma adida da embaixada soviética no Brasil de nome A. Nikolskaia, datada em 22 de setembro de 1947:

*Prezado senhor,
Em resposta a sua estimada carta de 11 de agosto do corrente ano, dirigida ao Snr. Embaixador J. Souritz tenho o agrado de remeter-lhe 5 exemplares da revista “Literatura Soviética”, também como 1 exemplar da obra “Cuestiones del Leninismo” de autoria de J. Stalin última edição. Os demais livros V.S, poderá adquirir na Editorial “Me jdunarodnaia Kniga” cujo endereço é seguinte: “Me jdunarodnaia Kniga” Kuznetski Most, 18, Moscou-URSS (NIKOLSKAIA, 1947).*

A carta da adida Nikolskaia traz não apenas a referência no campo da literatura, mas também, um pouco da teoria que circulava entre os comunistas brasileiros daquele período como nos mostra a obra de Stálin em espanhol, remetida junto com os exemplares da revista sobre literatura soviética.

Outra referência à formação intelectual e ao engajamento de Clóvis Moura pela literatura é a correspondência de Astrojildo Pereira, que na ocasião dirigia a revista *Literatura*. Faziam parte do conselho de redação: Alvaro Moreyra, Annibal M. Machado,

Arthur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Origenes Lessa. No papel timbrado da carta com informações sobre o periódico aparecem também: secretário, Jorge Medauar (secretário), Antonio Ferreira da Silva (gerente) e o próprio Astrojildo Pereira (diretor responsável). A redação e administração localizavam-se na rua Alindo Guanabara, 17, 7ª andar, sala 702, Rio de Janeiro.

Astrojildo inicia a carta justificando a demora em responder a Moura. Em seguida menciona um período de interrupção e de uma posterior retomada das publicações do periódico. Fala também sobre o valor de um plano de assinatura da revista por 12 números. Clóvis Moura possivelmente era leitor da revista de Astrojildo, não sabemos se era assinante ou comprador avulso. No entanto, nos chama a atenção uma passagem da carta que demonstra a intenção de Moura de publicar algum texto naquele periódico. Em 15 de novembro de 1947, Astrojildo Pereira escreveu:

Prezado amigo.

Tenho em mãos suas cartas de 30 de janeiro e 21 de maio do ano corrente, chegadas no devido tempo e que só agora, por motivos independentes da minha vontade, passo a responder.

Literatura sofreu longa interrupção depois de sair o 2º número, publicandose o 3º somente em Setembro último. Já estamos no 5º número, conforme v. pode ver pela coleção que lhe mandamos, sob registro. A assinatura por 12 ns., como consta do expediente, é de Cr\$ 50,00.

Como se pode imaginar, temos sempre colaboração na fila, sujeita ao parecer do conselho de redação. V. deverá portanto aguardar a sua vez (PEREIRA, 1947).

Astrojildo sugeriu que Moura entrasse na fila e aguardasse a avaliação do conselho de redação, caso estivesse pleiteando publicação naquele periódico. Não sabemos se Moura enviou algum texto para a revista *Literatura*, se chegou a ser publicado, ou se foi recusado. Sabemos apenas que nos caminhos de sua formação e inserção na vida intelectual, ele entrou em contato o comunista veterano, fundador do PCB, que àquela altura já havia amargado o ostracismo no período de obreirização do partido (1929-1934), e depois retornado à agremiação, porém, sem exercer uma função diretiva.

Ao jovem que buscava um meio de publicar seus textos, foi sugerida, então, outra tarefa: captar novas assinaturas para aumentar a venda e a circulação do periódico.

Grande ajuda poderá v. prestar à revista, conseguindo assinaturas de amigos seus não só em Juazeiro como também em outras localidades onde ela não aparece à venda. Envie-nos uma lista de nomes de prováveis assinantes e autorize-nos a usar seu nome como recomendação. Remeteremos a revista a cada um com uma carta nossa propondo a assinatura. Espero notícias suas (PEREIRA, 1947).

Por sinal, a produção literária do jovem de Amarante, àquela altura residente em Juazeiro, foi bem recebida primeiramente nos pequenos periódicos independentes, como nos mostra a carta de Darwin Brandão com quem Clóvis Moura manteve uma amizade de longa data, chegando posteriormente dedicar-lhe em memória o livro **Quilombos: resistência ao escravismo** (1993). Amizade que se iniciou por correspondência, quando Moura enviou uma carta e um poema para ser publicado em **Caderno da Bahia**, revista editada por Brandão, e outros, em Salvador. Em carta de 09 de agosto de 1948, Brandão escreveu:

Eu esperava tudo, que a revista fosse bem recebida, que o público a aceitasse, que nos viesse incentivo de jovens de outros Estados, mas nunca, que um jovem, lá de Juazeiro, me escrevesse uma carta como a sua. A sinceridade e a espontaneidade da sua iniciativa deu-me um vigor admirável! Caderno da Bahia [grifo nosso] antes mesmo de sair (sua carta chegou antes do primeiro número ser entregue às bancas nos revelou um bom poeta, perdido no São Francisco. Clóvis, todos nós gostamos muito da sua carta e de seu poema. Tanto assim que no próximo número iremos publicar trechos da carta como depoimento e talvez o poema, se houver espaço. Senão, fica para o terceiro. Você sabe, a revista é feita com muita dificuldade, demora muito e a matéria tem que ser recolhida com grande antecedência (BRANDÃO, 1948).

Além de editar o **Caderno da Bahia**, Brandão também trabalhava em **O Momento**⁸, jornal da seção baiana do PCB, do qual Moura foi redator posteriormente, em 1950. De acordo com Fábio Nogueira de Oliveira, **Caderno da Bahia** dedicava-se às manifestações culturais afro-brasileiras, com bastante ênfase na cultura local. O primeiro número trazia um artigo do próprio Darwin Brandão sobre Edison Carneiro, antropólogo com vasta obra sobre as matrizes africanas do Brasil, com quem Clóvis Moura também se correspondeu e cujos trabalhos serviram de referência (OLIVEIRA, 2009, p. 40). É possível que Brandão tenha sido o responsável por colocar Moura em contato com Edison Carneiro, como nos mostra uma carta de 08 de maio de 1949.

Sobre seu assunto de negros, devo lhe informar que já tomei algumas providências, inclusive escrevendo para o Edison Carneiro que poderá nos orientar bastante nas pesquisas. Aliás, se quiser se dirigir a ele diretamente poderá fazê-lo. Endereço: Pereira Guimarães 11, apt. 201 – Leblon – Rio. O Edison é um sujeito muito bom e por certo terá prazer em trocar opiniões com você (BRANDÃO, 1949).

Essa carta revela o interesse de Clóvis Moura pela questão racial, tema que o consagraria anos depois como historiador e sociólogo. Naquela ocasião o autor já iniciava

⁸ Darwin Brandão menciona seu trabalho em *O Momento* em carta para Clóvis Moura de 13/10/1948 (1948b).

seus estudos que posteriormente resultaria em seu primeiro livro, *Rebeliões da Senzala* (1959). A correspondência com Edison Carneiro, e outros estudiosos do tema como Emilio Willems, Donald Pierson e Arthur Ramos são importantes referências para compreendermos o projeto do livro. Além deles, Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodr⁹.

Em outra carta Brandão, em passagem pelo Rio de Janeiro envia à Moura revistas e suplementos, dentre os quais o jornal *Quilombo* editado por Abdias Nascimento naquela cidade (BRANDÃO, 1949a).

Foi Darwin Brandão também quem convidou Clóvis Moura a participar Associação Brasileira de Escritores (ABDE) como menciona em carta de 4 de dezembro de 1948.

No próximo dia 10 vão ser realizadas as eleições para a diretoria da ABDE. Até agora só foi apresentada uma chapa, justamente a progressista, formada por mim, Heron, Silvio Valente, Adrolado Ribeiro Costa, Artur de Sales, Vasconcelos Maia e Claudio Tavares. Creio que vamos vencer, pois a turma do contra (Odorico e companhia) ainda não se manifestou. Alias, você precisa ser sócio da Associação. Vou apresentar seu nome na próxima sessão e o pagamento pode ser feito por meu intermédio mesmo. Como você sabe o III Congresso de Escritores vai ser realizado aqui em Salvador, em Novembro de 1949. [...] Cogitamos realizar congressos municipais, afim de serem escolhidas delegações dos diversos municípios para aqui estarem presentes. Para tanto é necessário que os municípios tenham um núcleo organizado. Você poderá se encarregar do de Juazeiro. É coisa fácil. Apenas você nos mandará um[a] lista de pessoas que possam ser sócias, se encarrega da cobrança, etc. Não é necessário que a pessoa escreva. Aceitamos como sócios médicos, advogados, dentistas, professores, etc. (BRANDÃO, 1948a).

Essa e outras cartas de Brandão mostram que a ABDE, para além de uma associação corporativa de escritores, era também um ambiente de disputa política, na qual ele próprio estava envolvido. Nota-se que o convite de Brandão para Moura ingressar na ABDE já veio acompanhado de uma atribuição organizativa: fundar e organizar um núcleo da instituição em Juazeiro, com a finalidade de ampliar a força e a zona de influência do campo político do qual ele e Clóvis Moura faziam parte.

A ABDE foi fundada em 1942 com a proposta de regulamentar questões em torno do ofício de escritor, no entanto, desde o início já trazia contornos políticos bastante evidentes, tais como a reflexão e o debate sobre o papel social do escritor. Entre 1942 e 1945 a Associação foi um importante polo de oposição ao Estado Novo, sendo, desde então, e nos anos subsequentes, um espaço de disputa política.

⁹ Trabalhamos com correspondência de Moura com Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodr⁹ em outro artigo. Ver: Rocha (2020).

A ABDE reunia intelectuais das mais variadas colorações políticas, militantes e simpatizantes do PCB foram bastante ativos e influentes na instituições, e disputaram a hegemonia de sua linha política.

A diretoria que, se reuniria, entre outras ocasiões, em 1943, no Rio de Janeiro, tinha nomes como de Aurélio Buarque de Holanda, Otávio Tarquínio de Souza, seu primeiro presidente. Entre os fundadores estavam também Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Astrojildo Pereira, Sérgio Milliet, Antonio Candido e os diversos escritores consagrados do momento como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Raquel de Queiroz, Aníbal Machado, Monteiro Lobato etc. (MELO, 2011, p. 714).

Por sinal, a ABDE se organizava em instâncias estaduais, e no caso da seção baiana, os grupos em disputa colocavam a municipalização – a fundação de sedes nos distintos municípios –, a partir de seus filiados, como tática de ampliação de sua influência no interior da instituição. O PCB investiu nessa tática. Não por acaso Brandão volta a tocar no assunto em outras cartas, como na de 02 de março de 1949.

Lembra-se da prometida lista de sócios para a ABDE. Temos grande interesse nisto. Estamos numa luta tremenda aqui na Bahia para levantar a Associação. A coisa não está de brincadeiras. A reação quer mesmo ver por terra a ABDE que vem desenvolvendo um trabalho bom, embora pequeno. Precisamos realizar o Congresso este ano e a coisa está difícil. Estão nos sabotando de todas as maneiras. Precisamos aumentar o número de sócios e criar núcleos municipais. O de Juazeiro deve ser o primeiro, pois temos você aí. [...] Teremos talvez de enviar uma comissão para instalá-lo afim de dar maior importância (BRANDÃO, 1949b).

O projeto de fundar uma seção da ABDE em Juazeiro também aparece em outras cartas do autor, uma delas, inclusive, se refere a uma possível Casa de Cultura da Associação (BRANDÃO, 1949c). Não sabemos se a fundação da seção da ABDE em Juazeiro foi concretizada. Por não haver nenhuma menção a esse respeito na correspondência de Moura, inferimos que esse projeto não foi realizado. Mas sabemos que Moura foi delegado no III Congresso de Escritores da ABDE na Bahia em 1950 (OLIVEIRA, 2009, p. 68). No entanto, à despeito de, possivelmente não ter fundado a sede municipal da Associação, é interessante notar que àquela altura Clóvis Moura se inseria nas atividades partidárias no âmbito dos debates culturais, sendo-lhe atribuídas tarefas organizativas.

Conclusões

Àquela altura, no final dos anos 1940, Moura passava a ser requisitado para publicar poemas e textos sobre literatura na revista *Cadernos da Bahia*, e em outros periódicos, dentre eles o jornal de grande circulação, *À Tarde*, no qual trabalhava seu amigo, crítico literário e militante do PCB, Heron de Alencar. Em 1949, Clóvis Moura fundou em Juazeiro o jornal *O Jacuba*, ao que tudo indica, alinhado às atividades políticas e culturais com as quais estava envolvido no âmbito partidário. O autor também passou a colaborar com o conhecido jornal do PCB editado em Salvador *O Momento*, do qual tornou-se redator em 1950 (MALATIAN, 2018a; OLIVEIRA, 2009).

Em 1950 mudou-se para a capital do estado de São Paulo, com a experiência intelectual e militante que adquirira nos anos 1940 entre Salvador e Juazeiro.

Por um lado, podemos afirmar que as afinidades intelectuais e políticas de Clóvis Moura o levaram ao PCB. Por outra, as atividades culturais na esfera partidária lhes propiciaram a experiência e o desenvolvimento do trabalho na imprensa, área na qual se profissionalizou e trabalhou ao longo da vida.

Moura também foi secretário de redação da revista *Fundamentos* (1952-1955), redator chefe de reportagem do jornal *Notícias de Hoje* (1953-1954). No curto período em que viveu na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, o autor fundou a *Revista Flama* (1952-1953), alinhada à política pecebista (MALATIAN, 2018a; OLIVEIRA, 2009).

Foi também: redator do jornal *Última Hora* (1952-1958), redator dos *Diários Associados: Diário da Noite* e *Diário de São Paulo* (1959), subsecretário de redação e crítico literário do jornal *Correio Paulistano* (1960), diretor de redação do jornal *A Folha de São Carlos* (1969-1972).

Clóvis Moura não se tornou um quadro influente na linha política e teórica do PCB, como nos mostra sua biografia e sua obra histórica e sociológica (**sobre o assunto ver nossos trabalhos citados**). Tampouco sua produção historiográfica e sociológica se alinhavam aos preceitos teóricos dominantes do partido no período em que militou (**nota até 1961**). À despeito disso, vemos que a sociabilidade na esfera partidária do comunismo teve um importante papel na formação intelectual e profissional do autor, e até mesmo na vida afetiva, a exemplo de amizades que seguiram por toda a vida.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Carta à Clóvis Moura**, 18/03/1947. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 09/08/1948. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 04/12/1948 (1948a). CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 13/10/1948 (1948b). CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 08/05/1949. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 28/08/1949 (1949a). CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 02/03/1949 (1949b). CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- BRANDÃO, Darwin. **Carta à Clóvis Moura**, 05/06/1949 (1949c). CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.
- CASAGRANDE, Fernanda dos Anjos. **Acervos do Movimento Negro na cidade de São Paulo: um olhar para os registros da luta negra**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- CHADAREVIAN, Pedro. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 255-283, abr. 2012.
- FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2012.
- FREIRE, Alipio. Apresentação. In: MOURA, Clóvis. **Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos: da destruição de Belo Monte ao aparecimento do MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LIMA, Aruã Silva. **Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LÖWY, M. **Para uma Sociologia dos intelectuais revolucionários**. São Paulo: Editora Ciências humanas, 1979.

MALATIAN, Teresa. O cronista Sparkenbroke. *In*: MOURA, Clóvis. **Memórias de Sparkenbroke**: Fora do Tempo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MALATIAN, Teresa. Um jornalista combatente: Clóvis Moura e a política cultural do PCB (1951-1952). **História**, São Paulo, v. 37, 2018a. ISSN 1980-4369.

MATTOS, Marcelo Badaró. A Formação da Classe Operária Inglesa: História e Intervenção. **Revista Trabalho Necessário**, v. 12, n. 18, p. 18-41, jun. 2014. ISSN: 1808 -799X. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.12i18.p8591>

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 711-732, jul./dez. 2011.

MESQUITA, Érika. **Clóvis Moura**: uma visão crítica da história social brasileira. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MOLINA, Talita de Santos. Clóvis Moura: vida intelectual e arquivo pessoal (1925-2003). *In*: DO XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, SP: ANPUH/SP-USP, 2008.

MOURA, Clóvis. **Quilombo: resistência ao escravismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: quilombos, insurreições e guerrilhas. 5. ed. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Grabois, 2014.

NIKOLSKAIA, A. **Carta à Clóvis Moura**, 22/09/1947. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. **Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009.

PEREIRA, Astrojildo. **Carta à Clóvis Moura**, 15/11/1947. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura, Caixa 1, Correspondência recebida.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Rebeliões da Senzala de Clóvis Moura: uma abordagem histórica da luta de classes no Brasil. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 25., 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, SP: ANPUH-SP, 2020. ISBN: 978-65-992510-0-9.

Disponível em:

<https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados#G>. Acesso em: 26 maio 2021.

SECCO, Lincoln. **A Batalha dos Livros**: Formação da Esquerda no Brasil. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

SILVA, Raquel Oliveira. **O PCB e Comitês Populares e Democráticos em Salvador (1945-1947)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2012.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. **Guia do Acervo CEDEM**. São Paulo, 2018.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VOZA, Pasquale. Intelectuais orgânicos. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017.

Como referenciar este artigo

ROCHA, G. S. Clóvis Moura: sociabilidade e formação intelectual (1940-1950). **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, e021020, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15871>

Submetido em: 10/09/2021

Revisões requeridas: 08/10/2021

Aprovado em: 11/11/2021

Publicado em: 29/12/2021